

Panorama e Inventário das Pesquisas sobre o Sindicalismo e o Associativismo Docente

Lorene Figueiredo*

Resenha do Livro

ROSSO, Sadi Dal (org). Associativismo e Sindicalismo em Educação. Organização e luta. Biblioteca Sindicalismo em Educação. Vol.1 Brasília. Paralelo 15.2011. 368p

Um trabalho de fôlego pela sua extensão. É assim que podemos definir as 368 páginas deste trabalho coletivo. É uma visão ao mesmo tempo panorâmica e de inventário das pesquisas no campo das organizações de docentes. O trabalho reúne pesquisadores já consolidados na área como Dal Rosso, Mancebo entre outros e também uma geração de novos pesquisadores como Miranda, Melo, Cardoso e Guindin. Como trabalho panorâmico apresenta as mais variadas contribuições teóricas permitindo que o leitor encontre bons elementos para confrontar posições e análises sobre o tema.

A coletânea de 18 artigos está dividida em três partes. A primeira, composta de 8 artigos, discute as contribuições para o estudo do sindicalismo em educação no Brasil. A segunda, com cinco artigos, se debruça sobre o associativismo e outras formas organizativas. A terceira parte, com mais cinco artigos, traz as contribuições de aportes internacionais para as pesquisas sobre sindicalismo docente com especial contribuição sobre a América Latina. Pelo tamanho da coletânea limitamo-nos a comentar alguns dos artigos de forma a apresentá-la em linhas gerais. Os demais artigos serão citados para que o leitor tenha ciência do aspecto abordado.

A primeira parte que trata do movimento sindical é inaugurada pelo artigo de Dal Rosso que tem como título “Elementos para a teoria do sindicalismo no setor da educação”. Sua abordagem insere o estudo do sindicalismo docente no estudo mais amplo do papel do sindicalismo na sociedade. Na introdução destaca como ponto relevante o fato desta categoria se constituir em uma das maiores, quantitativamente, na atualidade. O autor desenvolve o tema a partir do contexto da criação da modernidade e apresenta o sindicalismo como instituição voltada tanto para a defesa dos direitos dos trabalhadores como do conjunto da sociedade.

Propõe as seguintes contribuições para um estudo do sindicalismo docente: a interpretação dialética das relações de trabalho trazendo a contribuição do campo marxista embora deva destacar que faz uso de Durkheim e Weber para localizar as concepções que perpassam as relações de trabalho dos docentes na perspectiva dominante. Neste sentido nos ajuda a identificar as matrizes do pensamento que fundamentam a atuação do Estado, como por exemplo, a concepção durkheiminiana de reprodução social base de leitura da função da escola na perspectiva hegemônica.

Igualmente destaca como contribuição weberiana à noção de burocratização relacionada à lei da racionalização formulada por Weber sob as quais os sindicatos de trabalhadores devem se mover e lutar contra esta tendência. Ressalta que este aspecto dos estudos sobre sindicatos abre a perspectiva de pesquisa sobre o poder político desta organização. No inventário das perspectivas de análise acrescenta ainda o que chama de teoria das relações industriais e a concepção revolucionária dos socialistas bem como uma breve discussão sobre imaterialidade do trabalho e algumas abordagens sobre a polissemia do conceito de valor. Desta forma, como texto de abertura, o que chamamos de inventário dos conceitos e categorias se manifesta como contribuição bem vinda, embora falte um posicionamento mais claro do autor frente às teorias que apresenta com tanta clareza e didatismo.

O artigo de Ferreira discute Gênero e sindicalismo docente, temática que é bem vinda posto que a educação básica tenha se caracterizado, grosso modo, como trabalho feminino, especialmente nas séries iniciais. Ferreira Jr discute o movimento docente e sua organização no período da ditadura militar. A primeira busca um referencial que dê conta do que a autora considera uma temática transdisciplinar. O segundo opta claramente por uma leitura crítica a partir de autores marxistas. Já Pereira trata, a partir de sua experiência como pesquisadora no campo do direito, da judicialização de conflitos coletivos no âmbito sindical trazendo como estudo de caso o ANDES-SN. Almeida trabalha a temática da educação do sindicato docente explicitando as contradições do discurso da “gestão democrática” tendo como estudo de caso a rede estadual do Ceará. Por fim temos Oliveira recuperando a trajetória do movimento docente em Minas Gerais a partir da transformação do movimento docente organizado em torno da União dos Trabalhadores em Educação (UTE) em sindicato (Sind-UTE).

Nesta primeira parte destacamos ainda os artigos de Miranda e Mancebo.

Miranda discute a concepção de educação elaborada pelos sindicatos de professores do RJ, Mancebo discute o trabalho docente no ensino superior. Tendo como contexto de sua análise o período neoliberal, em especial no Brasil a partir de 1995, a autora apresenta as características que o trabalho docente assume. A autora indica na pesquisa dois aspectos o número elevado de trabalhadores que compõem esta categoria e o forte privatismo que perpassa o ensino superior. Completam o cenário a precarização com subcontratações que reduzem

*Professora Assistente da Universidade Federal Fluminense, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Pública e Formação Humana da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: lorenefigueiredo@gmail.com.

o professor a aulista excluindo-o de outras atividades próprias da docência superior.

Verificou-se a ampliação da jornada de trabalho e a expansão do setor privado, o rebaixamento salarial. Os programas de pós graduação conseguiram minimizar os efeitos da degradação do trabalho, mas em contra partida o produtivismo acadêmico se fez presente. Nesta conjuntura a autora identifica uma nova cultura organizacional composta pelo perfil do docente empreendedor, competitivo, produtivo. Este movimento tem como base o direcionamento empresarial da produção de ciência, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, além da atuação de agências de fomento acompanhados da intensificação do trabalho e da competitividade. No campo das resistências a autora apresenta as dificuldades que a categoria vem enfrentando na organização de lutas coletivas e o quadro de solidão, culpa e incertezas fruto da internalização desta nova cultura na busca por melhores condições para suas instituições. O referencial utilizado não é apresentado embora a perspectiva da abordagem seja crítica às reformas no ensino superior.

Miranda apresenta sua pesquisa com a organização sindical na educação básica e a concepção de educação presente em três entidades: UPPEES, SINPRO/RJ e SEPE/RJ. A autora destaca três obstáculos ao estudo do sindicalismo docente no Brasil: o extenso território, os níveis e modalidades de ensino e a heterogeneidade das organizações. Todos contribuindo para diferentes modos de fragmentação. Após um breve histórico das organizações de caráter nacional a autora trata especificamente daquelas situadas no Rio de Janeiro. Após caracterizar cada uma das entidades a autora se dedica a explicitar o pensamento pedagógico de cada uma delas. Todos os dirigentes entrevistados consideram a formação integral como a perspectiva a ser alcançada não havendo diferenciação imediata, ainda que na sua prática sindical sejam entidades bastante distintas, conforme o histórico apresentada por Miranda.

Na tentativa de identificar as concepções de educação a autora analisou a visão de cada representante da relação entre trabalho e educação. No caso do SINPRO a autora identifica um discurso evasivo o que demonstra, juntamente com a análise documental feita, que o sindicato não possui uma concepção de educação. Miranda levanta a hipótese de que a possibilidade de discussão de uma concepção de educação não está posta nem mesmo nos locais de trabalho e isso leva o professor a uma atitude adaptativa a um projeto predeterminado pela rede privada de ensino.

No caso da UPPEES a fala do presidente permitiu a identificação de uma concepção tecnicista que hierarquiza, inclusive, o trabalho docente. O dirigente sindical em questão defende a formação “integral” como aquela que permite ao aluno identificar seus “talentos” e melhor se inserir no mercado de trabalho.

O último sindicato apresentado, o SEPE, é o que apresentou o debate mais desenvolvido para a autora. O sindicalista utilizou os conceitos marxistas e gramscianos de politécnica e escola unitária. Assim, Miranda afirma que o SEPE possui uma visão de classes da sociedade o

que se reflete em sua concepção de educação. A autora conclui fazendo um balanço do que foi observado ressaltando que há, na maioria dos dirigentes das entidades, um aprisionamento nas concepções burguesas e liberais e educação. Encerra seu artigo recuperando o imperativo de que estes dirigentes atuem como intelectuais orgânicos do movimento docente.

A segunda parte do livro aborda, com um viés de história da educação, a forma organizativa associativismo.

Vicentini e Lugli tratam do Associativismo Docente no Brasil: configurações e estratégias de legitimação do final do século XIX à década de 1970. O artigo permite uma visão panorâmica das formas organizativas e estabelece algumas explicações para a forma assumida em relação com a configuração assumida pelo trabalho docente em cada momento histórico. Das organizações dos professores primários até os sindicatos docentes observamos as transformações das associações, inicialmente sob a influência dos anarquistas, até a forma sindicato que se desenvolve a partir da criação do ensino fundamental que unifica sob um mesmo regime de trabalho os professores primários e os do antigo ginasial.

São apresentados ainda os temas da heterogeneidade da categoria profissional, a legitimidade das associações docentes em uma breve análise do discurso e de suas ações; as formas de assistência, as condições materiais de sobrevivência dos docentes e de suas associações.

Xavier apresenta um estudo do movimento sindical brasileiro e português a partir de um controvertido conceito; estrutura das oportunidades políticas. O contexto de análise é dos anos 1970 e 1980. Discute o associativismo docente a partir da produção identitária de dos “jogos de poder”. Com a autora percorremos a passagem do “velho” ao “novo sindicalismo” e suas caracterizações relacionando as formas assumidas às mudanças sociais e às relações entre poderes constituídos, intermediários, instituições herdadas e novas aspirações. A autora também discute dentro do que chama de repertório das ações coletivas, as operações simbólicas como expressões de metamorfoses nos movimentos docentes. Analisa o uso do recurso greve e do uso de jornais como forma de atingir a opinião pública no Brasil e a tomada da gestão das escolas secundárias em Portugal.

Xavier aponta ainda para o rico material empírico impresso e as demais fontes disponíveis para os pesquisadores que desejam trabalhar com este objeto em suas pesquisas; além disso, coloca importantes questões norteadoras para a pesquisa constituindo-se em importante indicação outros pesquisadores, em especial os iniciantes.

Os demais capítulos desta parte apresentam ainda Borges e Lemos com o artigo “O 'sangue quente' que anima a classe. A luta dos professores públicos primários na corte no período imperial”; Cardoso e Tambara trazem elementos de história do associativismo docente no Rio Grande do Sul entre 1929 e 1979 e por fim Rêses analisa a Constituição sócio-histórica do sindicalismo docente da educação básica no Rio de

Janeiro. Um artigo consistente, bem construído retomando a organização ainda no século XIX, analisando na passagem para o século XX, com destaque para a Era Vargas, as condições objetivas para a organização na forma sindicato afirmando o processo tardio no caso magisterial. Arrisca a sugestão de retomar nas formas de luta, inclusive a greve, a dimensão pedagógica presente, segundo o autor, nas origens e manifestamente um traço identitário e potencializador de uma ação que perdure e crie frutos para além da escola.

A terceira parte do livro traz os aportes internacionais para a pesquisa sobre sindicatos em educação.

Nesta seção destacamos as contribuições de Melo e Guindin e de Tavares, muito embora todos os capítulos tragam elementos ricos para um estudo das contribuições, em especial na América Latina, para os estudos no campo em questão.

Os dois primeiros autores discutem a organização dos trabalhadores docentes desde a década de oitenta na América Latina tanto no que tange a discussão do tema quanto a mobilização, a ação coletiva e história da categoria. As análises são contextualizadas ressaltando o período de recessão traduzida no registro dos autores como causa do ascenso das lutas sociais.

Para a década seguinte Melo e Guindin discutem a desmobilização sindical e as reformas educacionais consideram o contexto como sendo de estabilização econômica, de hegemonia ideológica do neoliberalismo e a institucionalização dos movimentos. Neste contexto surge a Rede de Estudos sobre Trabalho Docente. Na década de 2000, os autores identificam uma fase de acomodação das reformas educacionais. Apresentam, ainda, os temas, debates e tendências expressos na pesquisa da área caracterizando as temáticas abordadas em relação à década analisada desde 1978 até nossos dias. Por fim, fazem um balanço das lacunas, potencialidades e desafios para a pesquisa na área.

Temos ainda o trabalho de Loyo sobre o sindicato mexicano; Ascolani com um artigo sobre a federação de docentes da província de Santa Fé na Argentina; Chaves discutindo o sindicalismo docente na Colômbia e Tavares que apresenta a emergência do sindicalismo docente em Portugal.

O artigo de Tavares é o último da coletânea. Trata do sindicalismo docente contemporâneo da escola secundária em Portugal. A organização do sindicato é analisada em seu contexto de surgimento logo após a Revolução dos Cravos. Em seguida apresenta a passagem dos interesses individuais aos corporativistas sem descuidar da discussão pedagógica. A seguir discute a formação dos Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário e a formação dos sindicatos de professores. O autor aprofunda o momento organizativo no conjunto das lutas em torno da Revolução de Abril de 1974 ressaltando que o sindicato assim surgido seguiu como importante espaço de reflexão e de debate e de defesa dos interesses coletivos. Na seção seguinte analisa a crise do sindicalismo docente frente às políticas neoliberais e por fim analisa a especificidade portuguesa neste contexto. Destaca como perspectiva, o

fortalecimento da luta frente os problemas organizativos hoje enfrentados mantendo como horizonte de luta a emancipação humana.

A coletânea de artigos apresentada neste livro, embora não se apresente como quadro completo do sindicalismo latino americano ou luso-espânico-latino, tem o mérito de reunir bons exemplos de leituras desta realidade e favorece uma boa visão de conjunto da temática constituindo-se em um bom recurso tanto para aqueles que desejam um contato inicial com a temática como para aqueles que desejam enriquecer seus estudos.

Uma contribuição muito bem vinda em momento de lutas magisteriais intensas na Europa, em vários estados brasileiros e nas jornadas chilenas em defesa da escola pública.

Artigo recebido em 27.9.2011

Aprovado em 4.12.2011